

QUEIXAS ESCOLARES NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: ESTUDO EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA NO PIAUÍ

Mirlanne da Silva Brito*
Fauston Negreiros**

Resumo

O presente texto tem como objetivo obter informações pertinentes acerca das principais queixas escolares da Língua Portuguesa, oriundas do ambiente escolar, por docentes da Educação Básica das microrregiões de Floriano – PI e de Parnaíba – PI. A metodologia utilizada é de natureza qualitativa; desta forma, os dados foram analisados a partir da Hermenêutica de Profundidade, seguida de suas três etapas: análise sócio-histórica; formal ou discursiva; e a (re)interpretação. Os resultados apontam que as principais dificuldades na aprendizagem são: problemas enfrentados no cotidiano da sala de aula; aprendizagem no ensino de Português; os métodos utilizados para avaliar; atividades e recursos didáticos utilizados na sala de aula. Assim sendo, a Língua Portuguesa perpassa por alguns problemas que indicam a má qualidade do ensino, e os docentes atribuem a culpa pelas queixas escolares aos alunos.

Palavras-chave: Queixas escolares. Língua Portuguesa. Aprendizagem. Docentes.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo a obtenção de informações pertinentes à identificação de demandas educacionais envolvendo o ensino de Português e levantando as principais queixas escolares, descritas por docentes da educação básica das escolas públicas das microrregiões de Floriano – PI e de Parnaíba – PI. O trabalho tem como intuito uma reflexão acerca das práticas docentes com o propósito de analisar como professores relacionam o ensino de Português com o contexto de seu aluno.

Através da análise de questionários que foram aplicados aos docentes, são mostradas as principais dificuldades de aprendizagem no ensino de Português identificadas pelos professores, os métodos utilizados para avaliar o desempenho escolar e os recursos e materiais didáticos que são utilizados durante as aulas, dando ênfase na mediação e construção do conhecimento, sendo isso possível através da interação professor/aluno. Todavia, fica evidente que as escolas/docentes devem ver o aluno de forma singular; mas nem sempre essa singularidade é vista

* Graduanda em Pedagogia/Campus Ministro Reis Velloso – UFPI. Membro do PSIQUEU – Núcleo de Pesquisa e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia Educacional e Queixa Escolar, vinculado ao CNPQ. E-mail: 7mirlanesilva@gmail.com

** Professor, Doutor em Psicologia Educacional/Campus Ministro Reis Velloso – UFPI. Coordenador do PSIQUEU – Núcleo de Pesquisa e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia Educacional e Queixa Escolar, vinculado ao CNPQ. Membro do Fórum Nacional de Medicalização da Educação e Sociedade. E-mail: faustonnegreiros@ufpi.edu.br

e respeitada; contudo, o ensino é repassado de forma tradicional, visando apenas a transmissão de regras/ conteúdos sistematizados, preparando o estudante para vestibulares; o que pode ocasionar um ambiente com queixas escolares e fracasso destes aprendizes tanto na sua vida estudantil quanto nas suas trocas de relações na sociedade.

1. A LÍNGUA PORTUGUESA E SUA FUNÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A escola tem como função primordial a formação de alunos críticos e reflexivos capazes de atuarem sobre o contexto social; nesta perspectiva, o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa colabora para o desenvolvimento do estudante; por meio da comunicação oral/escrita, o indivíduo amplia sua relação com a sociedade. Assim sendo, dentro desse processo de linguagem são encontrados diferentes contextos sociais e culturais, que partem da variação linguística originada pela mistura de culturas que existem no Brasil, sendo essas variantes alteradas de acordo com cada região, mudando os sotaques e as expressões que fazem parte de cada cultura regional do país.

Para Vygotsky (1989), a linguagem é fundamental na comunicação, estabelecendo-se como sistema simbólico na interação entre o indivíduo e o objeto; além disso, a aprendizagem da língua se amplia a partir da relação do aluno com o meio. Nesse sentido, o símbolo é um recurso usado pelo sujeito para controlar/orientar seu comportamento dentro das trocas de informações ocorridas na sociedade, o que possibilita o surgimento dos sistemas simbólicos que partem da composição de signos vinculados entre si, com a função de expressar uma linguagem que o sujeito quer reproduzir por meio da comunicação. Todavia, na teoria sócio-histórico-cultural, verificamos que o desenvolvimento do homem e suas aprendizagens ocorrem por meio das interações

com o meio social, cultural e histórico em que o sujeito se encontra vinculado; assim sendo, a utilização de metodologias que respeitem a subjetividade de cada aprendiz dentro do processo de ensino da Língua Portuguesa colabora para a sua formação.

Vygotsky (1989) ressalta que a linguagem é um instrumento de expressão do pensamento; produz mudanças na estrutura cognitiva da pessoa, modificando as funções psicológicas, memória e atenção, e na criação de conceitos sobre os assuntos. Deste modo, Brasil (1997, p. 15), no que se refere aos PCN da Língua Portuguesa, mostra que “a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos”. Assim sendo, a escola deve promover meios para articular os saberes, possibilitando que as subjetividades dos estudantes sejam respeitadas, além de estimular o interesse pela disciplina.

2. QUEIXAS ESCOLARES RELACIONADAS COM A LÍNGUA PORTUGUESA

Segundo Bremberger (2010), as escolas são espaços em que as crianças passam grande parte do tempo, um lugar em que são realizadas atividades relacionadas à leitura, escrita, lazer, interação social entre os colegas e outros que fazem parte do ambiente escolar, cuja finalidade é desenvolver um sujeito em construção de conhecimentos e, assim, ir preparando-os para uma vida familiar e comunitária. Todavia, as queixas escolares são dificuldades de aprendizagem que podem se desenvolver ao longo da vida de algumas crianças, em diversos contextos educacionais, e essas dificuldades também podem estar ligadas ao comportamento e/ou emocional do sujeito.

Dificuldade de aprendizagem, dificuldades cognitivas, dificuldades na leitura, dificuldade

na escrita, dificuldade na resolução dos cálculos, dificuldade na alfabetização, dificuldade na compreensão, dificuldade na expressão oral e escrita, lentidão para aprender, falta de atenção e concentração, esquecimento, problemas psicomotores. Há também outras queixas oriundas de problemas de comportamento, problemas emocionais e outros problemas relacionados à questão escolar (SCORTEGAGNA; LEVADOWSKI, 2004; MELO; PERFEITO, 2006 citado por BREMBERGER, 2010, p. 137).

As queixas escolares trazem preocupação de alguns especialistas da educação pelo fato de que podem levar o aluno ao fracasso escolar e por eles estarem sendo abordados por profissionais da saúde que indicam o uso da medicalização em um “processo de transformar questão não médicas, eminentemente de origem social e política, em questões médicas” (COLLARES & MOYSÉS, 1994, p. 25) como forma de “cura” à dificuldade de aprendizagem. Essa visão que se tem sobre a criança como sendo a única culpada pelo não conhecimento e compreensão da disciplina deve ser descartada, pois dentro deste processo existe a escola, o professor e a família, que são colaboradores da aprendizagem.

Para Cunha et al. (2016), a queixa escolar é oriunda da ligação entre as dificuldades de aprendizagem e os problemas relacionados ao processo de escolarização do sujeito, que acaba ocorrendo ao longo da sua vida estudantil. Todavia, as dificuldades na Língua Portuguesa estão voltadas para dois pontos principais desta área: a leitura e escrita. Assim, os estudantes que possuem alguma limitação nestes pontos acabam sendo alvo de rótulos pejorativos, levando-os à situação de fracasso e, posteriormente, à evasão da escola. Assim sendo, os professores devem intervir, modificando a sua metodologia de ensino, respeitando a subjetividade de cada aluno, além de procurar colaborar para que as limitações sejam superadas, obtendo a aprendizagem e formação dos discentes.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa trata de uma abordagem qualitativa que, para Alves (2013), é uma das formas de se compreender a realidade e investigar sobre alguma lacuna que existe dentro da sociedade; além de essa abordagem possibilitar as trocas de conhecimentos que acontecem por meio das conversas entre o pesquisador e os participantes do estudo. Assim sendo, este método oportunizou um envolvimento maior dos entrevistados sobre a temática de queixas escolares na Língua Portuguesa. Desta forma, inicialmente foram entregues 32 (trinta e dois) questionários para professores da rede pública de Floriano – PI e de Parnaíba – PI. No entanto, só teve a participação de 22 (vinte e dois) professores que lecionam na disciplina de Língua Portuguesa, sendo 20 (vinte) do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino, na faixa etária de 31 (trinta e um) a 56 (cinquenta e seis) anos, e tendo formação em diferentes áreas da educação, como Geografia, Filosofia, Educação Física, Pedagogia e Letras – Português, cujo nível de escolaridade está entre graduação, especialização e mestrado, com o tempo de experiência como docente entre 3 (três) e 32 (trinta e dois) anos.

Quanto ao procedimento de coleta de dados, primeiramente, o trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Como instrumento de coletas de dados, foram utilizados questionários abertos, semiestruturados, cujos itens abrangem a temática apresentada e que compreendem a classificação dos dados demográficos, tais como sexo, idade, área de atuação, formação, escolaridade e tempo de experiência como docente, os quais foram classificados como importantes para caracterizar os participantes da pesquisa, dando subsídio ao entendimento dos resultados. Foi solicitada a assinatura do TCLE aos participantes, que aceitaram, por escrito, participar da pesquisa. Neste termo, buscou-

se a dimensão dos princípios éticos que conduzem a pesquisa com seres humanos no Brasil. Desta forma, os dados foram tratados e analisados a partir da técnica de Hermenêutica de Profundidade, seguindo três procedimentos: análise sócio-histórica; formal ou discursiva; e a (re)interpretação (VERONESE; GUARESHI, 2006).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. PRINCIPAIS DIFICULDADES NO APRENDIZADO DE PORTUGUÊS

Neste item, serão mencionadas as principais dificuldades relatadas/observadas pelos docentes quanto ao aprendizado da Língua Portuguesa; desta forma, segue abaixo a tabela com trechos retirados das falas dos educadores; posteriormente, serão apresentados relatos dos sujeitos a partir das dificuldades de aprendizagem destacadas em suas práticas de ensino.

Tabela 1 - Quais as principais dificuldades no aprendizado de Português que você encontra em seus alunos ao desenvolver seu trabalho na escola?

UNIDADES DE ANÁLISE	%
Dificuldade na interpretação e produção de textos, ausência de leitura.	50
Falta de interesse por parte do aluno.	20
A não alfabetização dos alunos.	5
Falta de acompanhamento dos pais nas tarefas de casa.	5
O uso da língua adequado a cada situação comunicacional.	5
Não vê dificuldade nos alunos, só falta tempo.	5
Dificuldade em outras disciplinas e falta de concentração.	5
Falta de estrutura nas salas de aula, falta de material didático.	5

Fonte: Banco de Dados do PSQUED (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Educacional e Queixa Escolar).

“As principais são: alunos que não leem, trocam letras na hora de escrever, não conseguem pronunciar palavras com R e L intercalados, interpretação dos textos.” (Professora, 15 anos de atuação.)

“Dificuldades de interpretação de texto. A maior dificuldade é o aluno desenvolver o gosto pela leitura.” (Professora, 14 anos de atuação.)

Com base nos dados coletados, conseguimos agrupar as respostas dos sujeitos da pesquisa, em que 50%, ou seja, a maioria dos entrevistados atribuíram a não aprendizagem da Língua Portuguesa às dificuldades de interpretação e produção de textos e ausência de leitura anos, 20% à falta de interesse por parte do aluno, 5% atribuíram à não alfabetização dos alunos, 5% à falta de acompanhamento dos pais nas tarefas de casa, 5% ao uso da língua adequado a cada situação comunicacional. Notou-se um fato interessante em um dos questionários: o professor não encontra dificuldade nos alunos, pelo fato de a maioria dos estudantes trabalharem durante o dia e estudarem à noite; a única dificuldade encontrada é a falta de tempo, que corresponde a 5% dos dados, 5% a dificuldades de outras disciplinas e falta de concentração e 5% à falta de estrutura nas salas de aulas e material didático.

Para Cosson (2014), a leitura promove o desenvolvimento de diálogos, que acontece por meio de trocas de saberes adquiridos pela compreensão do material lido; desta forma, a leitura desperta o conhecimento no indivíduo e na sociedade. Neste processo estão envolvidos quatro elementos: leitor, autor, texto e contexto, que, em conjunto, criam a habilidade como a qualidade na escrita, além de colaborar nas outras disciplinas, na interpretação de textos e questões. Neste sentido, as escolas devem promover este estímulo de leitura, por meio do ambiente da biblioteca, que apresente áreas próprias para que os alunos possam se sentar e ler, além da flexibilidade de poderem levar livros para casa. Estas ações podem favorecer a produção do

conhecimento, contribuindo para formação de alunos críticos e reflexivos.

4.2 PROBLEMAS ENFRENTADOS NO COTIDIANO DA SALA DE AULA

Nesta parte, serão apresentadas questões relacionadas com o cotidiano da sala de aula que podem interferir direta ou indiretamente na aprendizagem dos assuntos, contribuindo para o surgimento do sucesso ou fracasso destes discentes dentro da escola. Desta forma, são explanados na tabela abaixo os principais pontos, na visão dos docentes, a respeito da superação dos problemas encontrados no cotidiano escolar; posteriormente, são expostas falas dos professores.

Tabela 2 - Quais os principais problemas enfrentados no cotidiano da sala de aula? Como você, professor, lida com esses problemas?

UNIDADES DE ANÁLISE	%
Desinteresse e indisciplina dos alunos. Procurar inserir novas estratégias, como: textos de diversos gêneros, atividades lúdicas e o diálogo entre professor – aluno.	50
Ausência da família. Procura solucionar o problema, ensinar a lição e tarefa de casa, procura conversar com os pais, não mandar muita tarefa.	20
Falta de concentração dos alunos.	5
Baixo nível de alfabetização. Dificuldade em executar atividades voltadas para a alfabetização.	5
Déficit de atenção, conversas informais. Atividades práticas, significativas e dinâmicas.	5
Falta de tempo para realizar estudos e atividades extraclasse. Desenvolver todas as atividades durante as aulas.	5
Problemas desenvolvidos em anos anteriores.	5
Falta de objetivos dos alunos, interpretação de textos e dificuldade de argumentação.	5

Fonte: Banco de Dados do PSIQUE (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Educacional e Queixa Escolar).

“Dificuldade de compreender o que leem. Total desinteresse por atividades que envolvam a prática da leitura e produção textual. Falta de perspectiva em relação ao futuro.” (Professora, 13 anos de atuação.)

“O problema é a falta do acompanhamento com o estudo e as tarefas em casa. Pois a maioria dos pais não frequentaram escola. Passo mais tempo trabalhando a disciplina. Por exemplo, na segunda, trabalho só Português.” (Professora, 3 anos de atuação.)

“O baixo nível de alfabetização de partes dos alunos do 3º ano. Compreender que estes alunos chegaram sem essa aptidão; executar atividades voltadas para a alfabetização.” (Professor, 10 anos de atuação.)

Por meio das repostas apresentadas pelos docentes, verifica-se que existe uma grande atribuição de culpa ao aluno e à sua família, promovendo uma exclusão da responsabilidade profissional do educador na culpa pelo não aprendizado do estudante. Nesta perspectiva, a grande maioria dos docentes (50%) atribuiu os problemas enfrentados no ambiente escolar à falta de interesse/indisciplina dos estudantes, embora sejam os mesmos professores que propõem estratégias para o enfrentamento dessas dificuldades que prejudicam a formação dos educandos.

Para Collares e Moysés (1996), a culpabilização dos alunos, encontrada nas falas dos professores, deixa uma percepção de que a escola é perfeita, desde que estes alunos tenham uma vida artificial, sem nenhuma dificuldade de aprendizagem, educandos que obtenham o saber científico por conta própria, sem a necessidade de frequentar o sistema educacional; enquanto os alunos que apresentam alguma dificuldade são reconhecidos pelos docentes como impossíveis de se ensinar e de aprender o conteúdo; estes acabam ganhando rótulos que levam ao fracasso escolar. Um outro fator pertinente relatado pelos professores (20%) envolve a participação da família nas atividades propostas. Muitos procuram solucionar os problemas conversando com os pais e

optam por não enviar muita tarefa de casa. Todavia, os pais têm a função de auxiliar na formação de seus filhos, colaborando com o trabalho desenvolvido pela escola. Assim sendo, Oliveira e Marinho-Araújo (2010) ressaltam que o colégio e os pais possuem funções complementares na responsabilidade de desenvolvimento da aquisição dos saberes que devem ser adquiridos pelos estudantes, colaborando no processo de aprendizagem.

Em análise ao que os participantes relataram, Dorneles (2012) destaca que o professor de Língua Portuguesa deve utilizar novas formas para poder ensinar de maneira interativa e reflexiva; assim, a sala de aula pode passar por mudanças, sendo um local em que o professor e os alunos, unidos, podem construir o conhecimento. Para que possa haver essa mudança na sala de aula, o professor não deve só modificar a metodologia, mas tem que desenvolver novos procedimentos e ações para serem utilizados na classe. Todavia, o educador deve fazer planejamento das suas aulas, criando uma relação entre os métodos de ensino com o conteúdo, para que, dessa forma, consiga atingir os objetivos desejados. Além disso, é necessário que haja uma ligação da apresentação dos assuntos com a realidade dos estudantes, para que o aprendiz compreenda que existe uma importância na aprendizagem adquirida na escola, vendo a utilização dos saberes nas suas vivências dentro da sociedade. É importante que o educador estimule os alunos, promova neles a autonomia e assimilação dos conteúdos.

4.3 APRENDIZAGEM NO ENSINO DE PORTUGUÊS

Neste tópico, será evidenciado o conhecimento dos docentes sobre as concepções de aprendizagem dos educandos, além de explanar sobre os modelos didáticos utilizados nas aulas com a intenção de promover a transformação no ensino da Língua Portuguesa, que possibilita aos estudantes uma compreensão maior sobre

o conteúdo ensinado. Em seguida, são apresentadas falas dos educadores sobre a aprendizagem dos estudantes, destacando as suas práticas de ensino na referida disciplina.

Tabela 3 - Para você, o que é aprendizagem? O que é necessário para que a aprendizagem ocorra no ensino de Português?

UNIDADES DE ANÁLISE	%
Processo contínuo e progressivo. Despertar suas potencialidades conforme seus interesses e suas necessidades, muita leitura e interpretação, levar em conta a subjetividade de cada aluno.	23
Assimilação de conteúdos, sinônimo de conhecimento. Boa educação infantil, motivação, interesse, uma base para ancorar o novo conhecimento.	18
Contextualizar os conteúdos trabalhados na sala de aula com a realidade. Vontade (educando); apoio (estado e núcleo gestor); participação (pais e sociedade) e leitura.	14
Estágio entre o desconhecido e o conhecido. Ocorre quando as atividades são significativas para o aluno.	10
Processo de aquisição de competências, habilidades e valores, conhecimento de mundo. Entender o porquê de estar estudando a nossa língua padrão.	10
Ultrapassar o “raciocínio comum”, “criar”, articular ideias simples, porém importantes. O professor tem que ter espírito livre e criativo.	5
Fenômeno ou um método relacionado com o ato ou efeito de aprender. Aprendizado com compromisso do professor e do aluno.	5
Gama de conhecimentos conquistada através da diversidade de assuntos ou forma que apresentamos aos nossos alunos.	5
Processo pelo qual os conhecimentos são adquiridos através dos estudos, observações. Professor deve buscar atividades diferenciadas para que os alunos possam ter o seu aprendizado.	5
Internalização dos conhecimentos. Leitura, interpretação e escrita.	5

Fonte: Banco de Dados do PSIQUED (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Educacional e Queixa Escolar).

“É um processo contínuo e progressivo. Ocorre quando os educandos são motivados a despertar suas potencialidades mediante as situações ricas e variadas que eles vivenciam conforme seus interesses e necessidades.” (Professora, 45 anos de atuação.)

“É uma gama de conhecimentos conquistada através da diversidade de assuntos ou forma que apresentamos aos nossos alunos.” (Professora, 20 anos de atuação.)

“Aprendizagem é a capacidade de interpretação, decodificação, filtrar conhecimento.” (Professora, 15 anos de atuação.)

Todavia, nos resultados obtidos no questionário e nas falas dos docentes, verifica-se que o conhecimento é algo construído de maneira progressiva, em que a motivação dos aprendizes dentro da escola parte do professor, e este papel de mediação é importante para a obtenção do sucesso educacional. Assim sendo, cerca de 23% dos professores acreditam que o processo é contínuo e progressivo, colabora para o desenvolvimento do estudante; já 18% falam que a assimilação do conteúdo é importante para a fixação do novo conhecimento; e 14% dos professores demonstram que contextualizar os conteúdos trabalhados na sala de aula com a realidade dos estudantes colabora para a aprendizagem.

Mesmo os educadores compreendendo a importância destes contextos citados, na realidade escolar, verifica-se uma dicotomia entre as falas e a prática, sendo esta diferença refletida na presença de queixas escolares pelos alunos das instituições de ensino, que sentem dificuldade na compreensão dos conteúdos ministrados durante as aulas. Bulgraen (2010) ressalta que o educador tem nas mãos a capacidade de modificar o ambiente escolar e a vida do aluno por meio dos saberes, possibilitando aos estudantes serem atores da própria construção dos conhecimentos, dando-lhes a autonomia dentro do processo de ensino-aprendizagem; cabe ao educador apenas ser o mediador deste processo.

A aprendizagem da Língua Portuguesa, na visão dos entrevistados, parte do aprimoramento da escrita e leitura; seja por meio da utilização de métodos lúdicos ou tradicionais; mas esses meios devem promover o despertar dos estudantes ao saber científico da língua,

contribuindo para a formação de estudantes capazes de ler e compreender os diversos tipos literários existentes dentro do ensino de Português, além de colaborar para o seu desenvolvimento intelectual e social. Para Moura (2010), o entendimento sobre as atividades de estudo pelo aprendiz está interligado com a generalização teórica, em que o assunto trabalhado na aula desperta a consciência social do estudante; assim sendo, as escolas têm a função de contribuir para esse desenvolvimento social e intelectual dos estudantes, sendo este fato repassado nas ações dos docentes por meio das metodologias e dos objetivos que planejam para suas aulas.

4.4. OS MÉTODOS UTILIZADOS PARA AVALIAR

Nesta parte, estabeleceremos os métodos mais utilizados pelos educadores como forma de avaliar a aprendizagem dos estudantes sobre os conteúdos ministrados durante as aulas, fazendo ainda uma transcrição das falas dos professores sobre a temática de avaliação dos estudantes e sua representação na medição da qualidade de aprendizado e conhecimento adquiridos ao longo das aulas.

Tabela 4 - Quais métodos você utiliza para avaliar o desempenho dos alunos em relação aos conteúdos de Português?

UNIDADES DE ANÁLISE	%
Avaliar, através de exercícios, trabalhos, provas, grupos de integração vertical e horizontal, GO (Grupo de Observação) e GV (Grupo de Verbalização) de Leitura, interpretação e produção de textos, atividades avaliativas orais, método contínuo, participação, frequência, avaliação quantitativa e qualitativa, seminários.	90
São usadas as sentenças problematizando os números e os jogos nas diversas operações.	5
A correção individualizada.	5

Fonte: Banco de Dados do PSQUED (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Educacional e Queixa Escolar).

“Avaliação escrita objetiva e subjetiva. Seminários, debates, exposição dialogada. Análise de textos variados, produção de texto.” (Professora, 13 anos de atuação.)

“Leitura, leitura e leitura e momento para cada criança socializar o que descobriu durante cada atividade.” (Professora, 3 anos de atuação.)

“Avaliação tradicional, estudos dirigidos, produção textual.” (Professor, 7 anos de atuação.)

Por meio do resultado apresentado sobre métodos de avaliação dos estudantes, verificamos que 90% dos docentes expressaram que avaliam através de exercícios, trabalhos, provas, grupos de integração vertical e horizontal, GO e GV Leitura, interpretação e produção de textos, atividades avaliativas orais, método contínuo, participação, frequência, avaliação quantitativa e qualitativa, seminários. Enquanto isso, 5% usam as sentenças problematizando os números e os jogos nas diversas operações, visando ao desenvolvimento das habilidades dos alunos de forma lúdica. E apenas 5% dos professores fazem uma correção individualizada sobre os contextos aprendidos pelo estudante.

Luckesi (2011) ressalta que a avaliação da aprendizagem é algo que os educadores devem aprender a fazer de forma correta, possibilitando ao estudante crescer e aprimorar os saberes, corrigindo os erros e colaborando para acertos; além da avaliação ser uma passagem que está constantemente presente em nossas vidas, ela só gera a aprendizagem quando os docentes conseguem realizar uma ligação dos assuntos com a realidade do estudante; assim sendo, é necessário que os alunos se sintam à vontade para responder às questões e que seja retirado o peso do processo avaliativo, além da característica comumente encontrada dentro deste processo, que é a de vingança dos educadores com os aprendizes. Contudo, cabe ao educador fazer constantemente uma reavaliação de suas práticas, além de fazer planejamento de aulas com a utilização de metodologias que possam expressar os conteúdos de

forma a alcançar os objetivos desejados com o ensino da disciplina.

4.5. ATIVIDADES E RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS NA SALA DE AULA

Este item constituirá de uma análise sobre as atividades/recursos didáticos utilizados nas aulas de Língua Portuguesa; sendo estes meios indispensáveis dentro da prática do profissional da educação que visa promover a aprendizagem utilizando-se de materiais que auxiliam no processo de entendimento e fixação dos assuntos pelos discentes; posteriormente, são apresentadas algumas falas dos professores.

Tabela 5 - Que atividades você costuma realizar em sala de aula para a disciplina **Português** e quais recursos ou materiais didáticos você utiliza?

UNIDADE DE ANÁLISE	%
Exercícios, jogos, produções textuais e escritas, trabalhos em grupo, livros didáticos, leitura coletiva e individual, aulas expositivas, oficinas, letras de músicas, recursos utilizados, TV, DVD, computador, datashow, jornais, revistas, internet, cartazes, quadro.	100

Fonte: Banco de Dados do PSQUED (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Educacional e Queixa Escolar).

“Jogos; roda de leitura; histórias em vídeo; quebra-cabeça; leitura no laboratório de informática. Recursos: DVD, jogos, livros paradidáticos, computador.” (Professora, 18 anos de atuação.)

“Atividade de fixação, atividade de aprendizagens, filmes, slide etc.” (Professora, 11 anos de atuação.)

Por intermédio do resultado obtido, verificamos que os docentes entrevistados utilizam diversos recursos didáticos durante suas aulas como forma de trabalhar o conteúdo e proporcionar uma atenção e participação dos estudantes nas aulas de Língua Portuguesa, embora o grande número de queixas

escolares por parte dos alunos mostre a necessidade de uma remodelagem da prática docente dentro da sala de aula. Dazzani et al. (2014) mostram que a queixa escolar parte do interior da escola, que busca auxílio da resolução dos problemas nos serviços de saúde com profissionais de Psicologia e médicos, sendo que a própria instituição de ensino tem a capacidade de resolver essas dificuldades de aprendizagem dos estudantes com a utilização de metodologias adequadas e diálogos com os alunos/familiares. Ferreiro (2000) afirma que a prática pedagógica não é neutra e todas têm a finalidade de desenvolvimento da aprendizagem; desta forma, cabe ao professor utilizar recursos que estejam de acordo com o nível de compreensão dos estudantes, em conformidade com o conteúdo ministrado, possibilitando uma qualidade na transmissão e assimilação destes assuntos.

CONCLUSÃO

Considerando-se os resultados obtidos na pesquisa, fica evidente que alguns dos docentes se utilizam de metodologias tradicionais para o ensino da Língua Portuguesa. Este fato promove uma dissociação entre o conteúdo e a realidade dos estudantes, favorecendo o aparecimento de queixas escolares e, por conseguinte, o fracasso. Neste sentido, os educadores acabam rotulando os alunos que sentem dificuldade nesta disciplina, além de atribuírem a responsabilidade da não aprendizagem a estes aprendizes que, de vítimas, passam a culpados por não corresponderem às expectativas da escola dentro do processo de formação. Durante a pesquisa, foi observado que a disciplina de Língua Portuguesa, na maioria das escolas, não era ministrada por professores formados na própria área, ou seja, licenciados em Letras – Português, e sim por profissionais de licenciaturas diferentes, sendo este um dos fatores que contribuem para o surgimento de queixas escolares, além de interferir na qualidade do

ensino da Língua Portuguesa nas escolas públicas de Floriano – PI e Parnaíba – PI.

Todavia, outro fator pertinente que se notou no decorrer da pesquisa foi a grande dificuldade em encontrar os professores que ministravam a matéria, sendo que a disciplina de Língua Portuguesa possui a maior carga horária nas escolas. Essa realidade evidencia que o profissional acaba trabalhando em vários locais, o que torna seu tempo reduzido para o planejamento de suas aulas ou para realizar cursos de qualificação dentro da área. Portanto, a utilização de métodos adequados aos conteúdos, assim como o uso de recursos didáticos, facilita a assimilação dos saberes, atingindo os objetivos elencados para a aula; cabe ao docente ser um mediador e estimulador dos estudantes, desenvolvendo nestes a autonomia, criticidade e reflexão sobre os diversos contextos da sociedade. Contudo, quando a escola/professor respeita a subjetividade dos estudantes e promove essa interligação entre a realidade com os assuntos, favorece a qualidade da formação, evitando o aparecimento de queixas escolares e da evasão destes discentes da escola.

SCHOOL COMPLAINTS FROM THE PERSPECTIVE OF PORTUGUESE LANGUAGE TEACHERS: STUDY IN PUBLIC SCHOOLS IN THE STATE OF PIAUI

Abstract

The present text aims to obtain pertinent information about the main Portuguese Language School Complaints, coming from the school environment, by teachers of the Basic Education of the Microregions of Floriano-PI and Parnaíba / PI. The methodology used is qualitative in nature; In this way, the data were analyzed from Depth Hermeneutics, followed by

its three stages: socio-historical analysis; Formal or discursive; And (re) interpretation. The results indicate that the main difficulties in learning; Problems faced in the daily life of the classroom; Learning in Portuguese teaching; The methods used to evaluate; Activities and didactic resources used in the classroom. Thus, the Portuguese language has a few problems that indicate the poor quality of teaching, where teachers attribute blame to school complaints to students.

Keywords: School Complaints. Portuguese language. Learning. Teachers.

PROBLEMAS ESCOLARES DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS PROFESORES DE PORTUGUÉS EN LAS ESCUELAS PÚBLICAS DEL ESTADO DE PIAUÍ

Resumen

Este documento tiene por objeto obtener información relevante acerca de las principales quejas de la Escuela de Lengua Portuguesa, procedente del entorno escolar para profesores de Educación Básica de microrregiones Floriano-PI y Parnaíba / PI. La metodología utilizada es cualitativa; De esta manera, los datos fueron analizados a partir de los hermenéutica profunda, seguido de sus tres etapas: análisis socio-histórico; formal o discursivo; y (re) interpretación. Los resultados indican que las principales dificultades en el aprendizaje; problemas que se plantean en el aula todos los días; aprendizaje en la enseñanza del portugués; los métodos utilizados para evaluar; actividades y recursos didácticos utilizados en el aula. Por lo tanto, la lengua portuguesa impregna algunos

problemas que indican la mala calidad de la educación, donde los maestros asignan culpa de los problemas de la escuela a los estudiantes.

Palabras clave: Las quejas de la escuela. Lengua portuguesa. El aprendizaje. Profesores.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de pesquisa*, n. 77, p. 53-61, 2013. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/article/view/1042>>. Acesso em 18 nov. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BREMBERGER, M. E. F. Queixas escolares: que educação é esse que adoce? *Revista Educação*. vol. 13, n. 15, 2010. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/download/1870/1775>>. Acesso em 18 set. 2016.

BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. *Revista Conteúdo Capivari*, v. 1, n. 4, p. 30-38, 2010. Disponível em: <<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39>>. Acesso em 07 dez. 2016.

COLLARES, C. A. L; MOYSÉS, M. A. A. *A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico – Patologização da Educação. Ideia. Campinas (UNICAMP)*, v. 23, p. 25 - 31, 1994.

COLLARES, C. A. L; MOYSÉS, M. A. A. *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. Cortez Editora: São Paulo, 1996.

COSSON, R. *Círculos de leitura e letramento literário*. Contexto: Caxias do Sul, 2014.

CUNHA, E. O. et al. A queixa escolar sob a ótica de diferentes atores: análise da dinâmica de sua produção. *Estudos de psicologia*, v. 33, n. 2, p. 237-245, Campinas, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2016000200237&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 18 nov. 2016.

MACHADO DAZZANI, M. V. et al. Queixa escolar: uma revisão crítica da produção científica nacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 18, n. 3, 2014.

DORNELES, D. M. A leitura e escrita no ensino de língua portuguesa. In: SIELP. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. *Anais...* ISSN 2237-8758. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wpcontent/uploads/2014/06/volume_2_artigo_090.pdf>. Acesso em 18 nov. 2016.

FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2000.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez, 2011.

MOURA, M. O. et al. Atividade orientadora de ensino: unidade entre ensino e aprendizagem. *Revista Diálogo Educacional*, v. 10, n. 29, p. 205-229, 2010. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=3432&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em 19 nov. 2016.

OLIVEIRA, C. B. E; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia*, v. 27, n. 1, p. 99-108, Campinas, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2010000100012#link01>. Acesso em 07 dez. 2016.

VERÍSSIMO V., M.; ARCIDES G., P. Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 42, n. 2, 2006.

VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Enviado em 08 de dezembro de 2016.

Aprovado em 30 de junho de 2017.